

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster
Isabelle Faust



17 + 18 jan 2019

Orquestra Gulbenkian

**17 JANEIRO
QUINTA**

21:00 — *Grande Auditório*

**18 JANEIRO
SEXTA**

19:00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Lawrence Foster Maestro

Isabelle Faust Violino

Paul Hindemith

Sinfonia: Mathis o Pintor

Concerto de anjos

Deposição no túmulo

A Tentação de Santo Antão

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Concerto para Violino e Orquestra,
em Ré maior, op. 61

Allegro ma non troppo

Larghetto

Rondo: Allegro

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Estes concertos são gravados pela RTP – Antena 2

Duração total prevista: c. 1h 40 min.
Intervalo de 20 min.

Paul Hindemith

Hanau, 16 de novembro de 1895
Frankfurt, 28 de dezembro de 1963

Sinfonia: Mathis o Pintor

COMPOSIÇÃO: 1934
ESTREIA: Berlim, 12 de março de 1934
DURAÇÃO: c. 25 min.

A ópera *Mathis o Pintor* (*Mathis der Maler*), de Hindemith, foi composta entre 1933 e 1935, sobre um libreto do próprio compositor que coloca em cena o pintor renascentista Mathias Grünewald (c.1470-1528) – autor do *Retábulo de Issenheim* – no contexto do movimento insurgente germânico conhecido como a Revolta dos Camponeses (1524-1525). A partir de eventos históricos e biográficos, Hindemith articulou uma série de reflexões sobre o papel do artista e a sua relação com a sociedade moderna, no dealbar das correntes fascistas na Europa. Como seria de esperar, as propostas de Hindemith não colheram frutos sob o regime nazi. Mas antes da interdição da ópera na Alemanha – seria estreada em Zurique, a 28 de maio de 1938 – Hindemith compôs uma sinfonia a partir de cenas selecionadas. Desta forma, direcionou os seus esforços criativos para três momentos-chave da ação: o prelúdio da primeira cena, situada no mosteiro de Santo Antão de Mogúncia (Mainz), onde Mathis pinta um fresco; o interlúdio da sétima e última cena, o qual sobrevém à morte da filha do líder dos camponeses revoltosos, Regina Schwalb; e a anterior sexta cena, na qual o pintor se vê na pele do asceta cristão Santo Antão, o qual, à imagem de Jesus Cristo, padeceu no deserto as tentações do demónio. O primeiro andamento, intitulado *Concerto de anjos*, inicia-se com uma introdução lenta e serena, à qual sucede a secção principal, em forma sonata regular. Reproduzindo, de perto, a teia orquestral da ópera, Hindemith recria



A TENTAÇÃO DE S. ANTÃO, POR MATHIAS GRÜNEWALD, 1516 © DR

aqui os principais componentes temáticos da primeira cena, ligados, por um lado, ao coral protestante e, por outro, à vetusta tradição do canto gregoriano. Na deploração fúnebre que se segue, *Deposição no túmulo*, as melopeias do oboé e da flauta estabelecem um ambiente de recolhimento, repleto de nostalgia e de tristeza. Já no derradeiro andamento, *A Tentação de Santo Antão*, Hindemith sugere a metamorfose de Mathis por meio de um discurso orquestral ambíguo e agitado por acentos dramáticos. À progressão das cordas sucede a intervenção das madeiras, com uma citação da sequência gregoriana *Lauda Sion Salvatore*. A sonoridade brilhante dos metais encerra o andamento, simbolizando o triunfo da arte e dos artistas sobre todas as adversidades.

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770
Viena, 26 de março de 1827

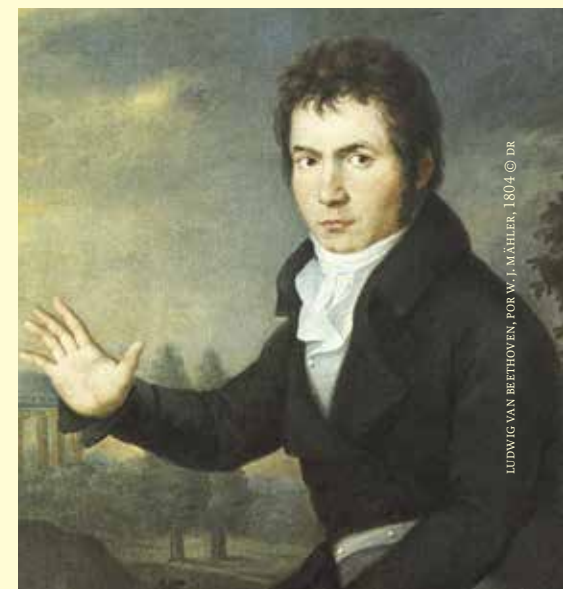
Concerto para Violino e Orquestra, em Ré maior, op. 61

COMPOSIÇÃO: 1806
ESTREIA: Viena, 23 de dezembro de 1806
DURAÇÃO: c. 45 min.

Obra-chave da literatura para violino e orquestra do Alto Classicismo, o Concerto para Violino, em Ré maior, op. 61, foi inspirado pelos dotes interpretativos do violinista austríaco e amigo de Beethoven, Franz Joseph Clement, o qual viria a protagonizar a estreia. Apesar disso, o compositor optou por dedicar a partitura a outro violinista, Stephan von Breuning, conhecido músico ligado à orquestra do Theater an der Wien. A estreia da obra gerou reações divergentes entre os que a ela assistiram, desde os elogios rasgados até à “falta de coerência de ideias” e ao “idioma tumultuoso e confuso”. Por parte dos intérpretes, houve, desde logo, bastante relutância em tocar a parte solista, devido às inerentes dificuldades técnicas, mas o facto é que a obra acabou por se impor nos programas de concerto. O primeiro andamento principia com uma extensa introdução lenta, cujos componentes temáticos e harmónicos anunciam a exposição de sonata que abrirá com o expressivo primeiro tema, exposto no registo agudo pelo solista. Um segundo tema, também proeminente, virá a cruzar-se com o primeiro na secção de desenvolvimento. O breve motivo constituído por quatro semínimas anuncia a recapitulação. O andamento encerra com uma coda alargada, na qual pontua o segundo tema entoado pelo violino. Divergindo para a tonalidade subdominante de Sol maior, o segundo andamento adota um tema único que vai evoluindo ao longo de seis variações, sendo

enriquecido por arabescos e sugestivos silêncios. À apresentação do tema pelas cordas, em *pianissimo*, sucedem os comentários das trompas, dos clarinetes e do fagote, mesclando-se com o tema principal do violino, em expressivo crescendo. A modulação final conduz o discurso orquestral ao último andamento. Pontua aqui a exaltação de um Beethoven profundamente envolvido na mudança de paradigma musical, rumo ao horizonte romântico. É o solista que introduz, com ímpeto, o característico refrão de rondó-sonata, com o qual alteram duas coplas distintas. Nestas últimas secções, violino e fagote partilham a condução melódica da textura, sobre o acompanhamento das trompas – um procedimento que não tem paralelo na restante produção sinfónica do compositor e que faz jus à sua inventividade. Após uma breve cadência, a coda final vem ainda trazer o eco do refrão, antes do termo definitivo da partitura, sobre dois acordes vigorosos do solista.

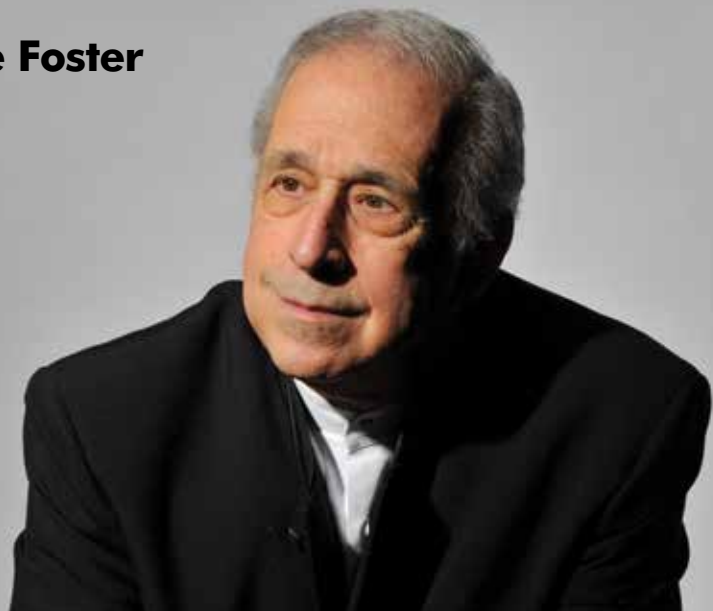
NOTAS DE RUI CABRAL LOPES



LUDWIG VAN BEETHOVEN, POR W.J. MÄHLER, 1804 © DR

Lawrence Foster

Maestro



© MARC GINOT

De ascendência romena, Lawrence Foster nasceu em 1941 em Los Angeles. É o Diretor Musical da Ópera de Marselha desde 2013. Entre 2002 e 2013, foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Além dos concertos regulares no Grande Auditório, dirigiu a Orquestra Gulbenkian em várias digressões nacionais e internacionais e em gravações para a editora Pentatone Classics. Anteriormente desempenhou idênticas funções nas Orquestras Sinfónicas de Barcelona, de Jerusalém e de Houston, na Filarmónica de Monte Carlo e na Orquestra de Câmara de Lausanne. Entre 2009 e 2012, foi Diretor Musical da Orquestra e Ópera Nacional de Montpellier.

Como maestro convidado, dirigiu muitas das principais orquestras mundiais, incluindo a Sinfónica da Rádio Polaca, a Filarmónica da Rádio France, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim, a Filarmónica Arturo Toscanini (Parma), a Filarmónica Húngara, a Filarmónica de Copenhaga, a Sinfónica de Montreal ou a Filarmónica de Hong-Kong, tendo-se apresentado com frequência nos principais festivais, incluindo os de Lucerna e Grafenegg.

Dirige regularmente destacados solistas como Evgeny Kissin, Arcadi Volodos ou Arabella Steinbacher. Para além das produções da Ópera de Marselha, Lawrence Foster apresenta-se com regularidade noutros importantes palcos de ópera, incluindo a Ópera de Frankfurt, a Ópera Estadual de Hamburgo, a Ópera de Monte Carlo, a Ópera de São Francisco ou o Festival de Ópera de Savonlinna. Em 2017 dirigiu *Don Carlos*, de Verdi, em Marselha, bem como uma versão de concerto de *Mathis o Pintor*, de Hindemith, no Festival Enescu de Bucareste. Uma gravação de *Otello*, de Verdi, com a Orquestra Gulbenkian, foi lançada também em 2017. Em 2013, Lawrence Foster recebeu o *Orfée d'Or* da Académie National du Disque Lyrique pela sua gravação de *L'Etranger*, de Vincent d'Indy, com a Ópera e Orquestra Nacional de Montpellier Languedoc Roussillon. Como Diretor Musical do Festival de Aspen e Diretor Artístico do Festival George Enescu (1998-2001), afirmou-se como um destacado divulgador e intérprete da música do compositor romeno. Em 2003 foi condecorado pelo Presidente da Roménia em reconhecimento dos serviços prestados à música romena.

Isabelle Faust

Violino

A violinista alemã Isabelle Faust cativa o público com a fascinante sonoridade das suas interpretações, abordando cada peça não só em função da musicalidade, mas também do contexto histórico, da escolha do instrumento e da busca do mais elevado grau de autenticidade, iluminando e interpretando com paixão um repertório que se estende de Heinrich I. F. Biber a Helmut Lachenmann. Depois de vencer o Concurso Leopold Mozart e o Concurso Paganini, começou a ser convidada regularmente pelas grandes orquestras mundiais como a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica NHK de Tóquio, a Orquestra de Câmara da Europa ou a Freiburger Barockorchester, tendo-se prolongado, desde então, uma sustentada cooperação com maestros como C. Abbado, G. Antonini, F. Brüggen, J. E. Gardiner, B. Haitink, D. Harding, P. Herreweghe, A. Nelsons e R. Ticciati. A vasta curiosidade artística de Isabelle Faust abrange todas as eras e formas de cooperação instrumental. Desta forma, procura a essência de cada peça de uma forma consciente e dedicada. Para além dos grandes concertos para violino, o seu repertório regular inclui peças como o Octeto (D. 803) de Schubert, interpretado em instrumentos históricos, os *Kafka-Fragmente* de G. Kurtág, com Anna Prohaska, ou *A História do Soldado* de Stravinsky, com Dominique Horwitz. Dedicando-se com grande convicção à interpretação da nova música, tem agendadas, para presente e para as próximas temporadas, estreias de obras de P. Eötvös, O. Adámek, M. Stroppa, O. Strasnoy e B. Furrer. As gravações de Isabelle Faust têm sido unanimemente elogiadas pela crítica especializada e distinguidas com o *Diapason*



© DETLEV SCHNIEDER

d'or, o *Grammophone Award* e o *Choc de l'année*, entre outros prémios. Entre as gravações mais recentes incluem-se Concertos para Violino de Mozart, com Il Giardino Armonico e Giovanni Antonini e com a Freiburger Barockorchester e Pablo Heras-Casado. Outras gravações incluem obras de J. S. Bach, Beethoven e Berg. No domínio da música de câmara, mantém uma longa colaboração com o pianista Alexander Melnikov. Ao longo da presente temporada, Isabelle Faust é Artista em Residência na Philharmonie de Colónia.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© GW/MÁRCIA LESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Francisco Lima Santos
Concertino Principal
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Sara Llano *
Rui Cristão *
Tomás Costa *
Anna Paliwoda *
César Nogueira *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
David Ascensão *
Miguel Simões *
Flávia Marques *
Félix Duarte *
Mafalda Vilan Pires *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *
Chiara Antico *
Paul Tulloch *
Teresa Fleming *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Fernando Costa *
Catarina Gonçalves *
Tatiana Leonor *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann
Romeu Santos *

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
Ana Filipa Lima *2º Solista **

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*

Nuno Cunha *1º Solista **
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
Carlos Leite *1º Solista Auxiliar **
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*
Tiago Noites *2º Solista **

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
Duarte Santos *2º Solista **
João Ramalho *2º Solista **

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Andrade,
Raquel Serra, Guilherme Baptista,
Fábio Cachão

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
700 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Janeiro 2019

